

Relendo a marginalidade pela crítica de João Antônio*

Wagner Coriolano de Abreu**

Resumo

A releitura da marginalidade, pela crítica literária ativa e passiva de João Antônio, recoloca o debate da crítica a partir dos anos 70, período em que desponta no âmbito da literatura brasileira a questão da literatura marginal, vertente diversa da literatura feita pelo contista paulistano-carioca. Igualmente, as páginas relidas da fortuna e da obra literária levantam problemas teóricos que o afastam da nova literatura marginal-periférica feita de dentro da periferia.

Palavras-chave

Marginalidade, João Antônio, teoria literária, crítica literária

Abstract

The reinterpretation of the marginality boundaries by João Antônio's passive/active literary criticism, restarts the debate about the criticism made since the seventies, period in which it emerges the issue about marginal literature in the Brazilian scenario, different genre made by the paulistano/carioca short story writer. Likewise, the re-read pages of fortune and literary work raise theoretical problems which take him away from the new marginal/peripheral literature, since it is made inside the periphery.

Keywords

Marginality, João Antônio, literary theory, literary criticism

* Artigo de autor convidado.

** Doutor em Letras pela PUCRS. Bolsista PNPd-Capes no Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter.

PENSAR OS RUMOS DA CRÍTICA, SOB O PONTO DE VISTA DA MARGINALIDADE LITERÁRIA, coloca-nos diante da mutação do que foi a crítica literária no passado e do que vem ocorrendo, a partir de perspectivas interdisciplinares de leitura, na atualidade. No bojo da questão cabem diversas manifestações que circulam no campo literário. Para Mei Hua Soares, “os textos e obras que abordam o universo da criminalidade, da violência, o submundo das drogas e da miséria urbana, cujos autores são oriundos ou representam as periferias, podem ser contemplados no interior desses critérios de *marginalidade* literária” (SOARES, 2008, p. 85).

A marginalidade, sendo qualidade ou condição do que ou de quem é marginal (HOUAISS, 2001, p.1852), associada à literatura adquiriu usos e significados, variando de acordo com a atribuição dos escritores ou, mais frequentemente, com a definição conferida por estudiosos ou pela imprensa num dado contexto. De modo específico, este trabalho retoma a apreciação crítica de João Antônio, ativa e passiva, sob o viés de sua relevância para o questionamento da chamada marginalidade. Ao contrário das posições que afirmam a perda de importância para os estudos literários, entendemos que a “irrecusável historicidade da crítica torna-a um dos instrumentos mais vivos de que se pode dispor para compreender as tensões actantes num tempo político, num lugar social e numa tradição cultural” (CEIA, 2014).

Para Sergius Gonzaga, tais usos e significados estão relacionados à posição dos autores no mercado editorial, ao tipo de linguagem apresentada nos textos e à escolha dos protagonistas, cenários e situações presentes nas obras literárias (FERREIRA, 1981, p.149). Relendo a palestra de Gonzaga, Érica Nascimento sistematiza estes eixos nos seguintes termos:

o primeiro significado refere-se à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumido nos moldes capitalistas – e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente; o segundo está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda; e o terceiro encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos (NASCIMENTO, 2006, p.11).

Gonzaga propõe esta abordagem ao final dos anos 1970, quando a crítica à poesia e outras vertentes literárias associadas ao marginal começava a aparecer, ainda sem avaliação a partir de critérios metodológicos. Hoje se verifica, conforme Robson Tinoco, que o movimento da poesia marginal daquele período considerava necessário

romper com a ideia de literatura como algo pré-estabelecido ou como processo de continuidade literária: “Para o então poeta contemporâneo era importante que suas ‘coisas’ não tivessem nenhum padrão dessa continuidade com ‘isso que se chama literatura’” (TINOCO, 2007, p.134).

Em estudos recentes, a marginalidade retorna com força através dos escritores da periferia dos grandes centros urbanos cuja produção e atuação cultural trabalham aspectos inumanos e marginalizados da realidade social brasileira (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 98). A posição sociocultural ocupada pela literatura marginal-periférica na esfera da cultura e da crítica literária tem sido objeto de estudos de um número cada vez maior de críticos, na última década. Mei Hua Soares propõe que se estude a diferença entre as obras marginal-periféricas e a literatura massificada, destinada ao consumo, a fim de operar a transformação do pensar no sujeito leitor (SOARES, 2009, p. 105).

Sobre ideias e posições na crítica literária, José Luís Jobim formula a hipótese da existência, entre os escritores brasileiros, de alguns que são críticos criadores, aqueles que estão na interseção “entre o que escrevem sobre literatura e o que produzem como literatura” (JOBIM, 2012, p. 7). Na introdução de seu estudo, registra os confrontos entre as correntes da crítica e as principais obras produzidas no Brasil. Inscreve a crítica contemporânea no horizonte da cultura digital, refletindo sobre a crítica que circula na plataforma virtual, de onde recolhe informações sobre o questionamento que se faz aos critérios adotados, sua relação com a imprensa e a circulação no meio escolar pela mediação de professores.

Esta interseção pode ser observada na leitura de João Antônio, cuja obra apresenta um modo diverso ao apontado nos três críticos criadores estudados por Jobim, mas que acompanha o esquema, dado que o escritor dialoga com um quadro de referência pré-constituído em relação a sua literatura. O diálogo que João Antônio estabelece revela sua prática de leitura, seu interesse por escritores brasileiros e estrangeiros clássicos e um exercício crítico e poético em face da criação literária.

Desde o início de seu trabalho, no período que antecede ao lançamento dos contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), a leitura aparece como elemento central em sua produção literária. Em estudo sobre a recepção deste livro, Clara Ornellas recupera a fortuna crítica, verificando que ao lado das resenhas e manifestações escritas aparece o depoimento pessoal, subsidiando o debate e marcando

a cena literária (ORNELLAS, 2011, p.151ss). A pesquisadora encontra depoimentos que falam da formação como leitor, a prática de leitura de jornal em voz alta e de edições adaptadas de livros para a juventude. Neste trabalho, registra a descoberta que João Antônio faz da obra de Graciliano Ramos e os vários questionamentos advindos desse encontro.

Entre o livro de estreia e o segundo livro de contos, *Leão-de-chácara* (1975a), João Antônio apura as ideias a respeito de estética e criação literária, produzindo um documento híbrido, mistura dos gêneros jornalístico e poético. No manifesto “Corpo a corpo com a vida”, escrito no intervalo entre as duas obras iniciais, afirma que a literatura, “sendo um compromisso de caráter com a vida, o povo e a terra, já teve entre nós uma frente de luta, questionamento, discussão, apelo, denúncia, busca de uma verdade brasileira” (ANTÔNIO, 1975b, p. 145). Neste breviário estético, o crítico Haroldo Bruno assinala uma dissonância entre a criação literária e a posição especulativa do escritor. Para Bruno, João Antônio simplifica e esquematiza a análise do fato literário, por reduzi-lo a uma dimensão particular, em detrimento da perspectiva universal, com deformação de proposições estético-literárias. Se o escritor tivesse uma práxis condizente com a proposição que anuncia, afirma o crítico, sua obra não teria a riqueza que tem (BRUNO, 1980, p. 243). Anota ainda que a obra literária nega os ditames do manifesto, “cuja forma e estruturação parecem pertencer antes a uma entrevista do que a um trabalho pesquisado e meditado” (BRUNO, 1980, p. 244).

O ano de 1976 representa um momento fértil em sua carreira literária, não só por lançar duas novas reuniões de textos, mas também pelas reedições dos primeiros livros. O jornalista Duílio Gomes denomina essa fase como o “fenômeno João Antônio” (GOMES, 1976, p. 2). Enquanto *Malhação do Judas Carioca* (1975b) e *Casa de Loucos* (1976) agitam as livrarias e os leitores, com temas relacionados à vida nacional, música, cidade e atualidades do contexto da cidade, na cabeça do escritor fervilham os retratos de sua infância, no Beco da Onça, e da vida de morador no bairro carioca Copacabana.

Em janeiro de 1977, João Antônio toma a frente no projeto de organizar e apresentar o número 4 da revista *Extra Realidade Brasileira*, publicação editada por Narciso Kalili, Hamilton Almeida Filho e Milton Severiano, na cidade de São Paulo. Em artigo posterior à publicação, o escritor relata: “Então, pensei, vamos lá. Mandar bala numa antologia de contos inéditos, abrindo o leque e pegando gente do Sul ao Norte e trabalhar diretamente sobre aspectos descarnados da realidade, que anda por aí,

pelas ruas” (ANTONIO, 1977b). O escritor diz que montou um esquema com nomes de escritores, visando produzir uma demarcação de área da realidade atual, a fim de obter

uma literatura de pau, uma literatura fedida, fedendo a povo e não cheirando a gabinete, falando de miserê, desemprego, mendicância, de repressão, de feijão e de carne, de mínimos amantes, de cadeia, homossexualismo e mazelas do futebol, de Zona Franca sem nenhuma grandeza ou glória – uma mexida em algumas partes dos intestinos das gentes que estão mais por baixo. Isso aí. (ANTONIO, 1977b)

A marginalidade, segundo João Antônio, teria que ser questionada a partir de um quadro de referência que considerasse os esquecidos e o trabalho profissional do escritor. É neste ponto que insiste: “os meus temas, a minha linguagem, as minhas histórias se lastreiam no seio dessa massa de esquecidos, espezinhadados e feios” (FREITAS FILHO, 1980, p.60). O escritor marcou época, dos anos 1960 a meados de 1990, com posição intelectual de força na literatura e na cultura, porém dando abertura para o rótulo que depois recusaria: escritor de marginais.

Por ser de berço pobre, oriundo do meio operário, João Antônio soube recolher as realidades de opressão e conflito, estruturas que marginalizam o homem do povo, tomando-as como elemento de criação ficcional e de construção de uma poética de reação. À época do lançamento de *Lambões de caçarola* (1977a), declarou que continuava “neste livro o viciado em palavras, perseguindo a linguagem das classes de baixo, lesadas, mas criativas, tomadas de apertos, mas rápidas no esquivar-se” (ANTONIO, 1977b). No ofício da palavra, desde muito jovem, desenvolveu um sentido de independência frente à tradição das Belas Letras, cujos livros ele lia com fervor e com os quais debatia com altivez e desembaraço.

Desse modo, o autor percebe que a emancipação viria com o retorno às raízes literárias de escritores que escreveram ficção com elementos axiais da cultura brasileira. João Antônio insiste em buscar “a realidade de nossas raízes literárias que são tão nossas, como Manuel Antônio de Almeida, como Mário de Andrade, como Adolfo Caminha, como o próprio Machado de Assis, como Adelino de Magalhães, Aloísio de Azevedo” (ROSA, 1978, p. 60).

Por trabalhar a interface temática popular em expressão culta, João Antônio mais de uma vez foi rotulado pela crítica como escritor neopopulista, ao que rebatia apontando a complexidade da tarefa a ser realizada. Em uma interpelação acerca desse problema, afirmou que “a chamada alta crítica brasileira acha que deveríamos, sem lastro cultural para tanto, fazer obra de tal envergadura que pudesse ser aplaudida lá

fora” (FREITAS FILHO, 1980, p. 56). Para ele, a ficção brasileira já revelava tendências proteiformes, dado que “a realidade do país, inspiradora e motivadora dessa ficção, é multivariada” (FREITAS FILHO, 1980, p. 58).

Nos anos 1980, em diversas entrevistas, João Antônio reitera essa posição de leitor literário que reclama uma prática calcada nos autores consagrados. E nesse movimento chega a desferir um ataque contra a academia universitária, lugar que careceria de um embasamento maior para lidar com o produto literário. Destaque em matérias de jornal e outros veículos impressos, o escritor se mostra insatisfeito com a leitura de sua obra, dado que entende a crítica como ligeira, carecendo de uma profundidade que a teoria poderia auferir. Na matéria do suplemento literário do jornal Minas Gerais, à época, reclama da formação dos críticos: “para os nossos críticos falta, ainda, um maior embasamento teórico, uma maior vivência de leitura. Não posso admitir que um sujeito se diga crítico literário e desconheça algumas obras fundamentais da literatura” (CAMINHA Jr, 1984, p.2).

De fato, quando João Antônio faz a declaração ao referido suplemento literário, as críticas à sua obra estavam restritas ao artigo de jornal e resenha, com exceção para o panorama de Malcolm Silverman (1981) e o artigo acadêmico de Jesus Antônio Durigan (1983). Entretanto, a metade da década de 80 foi profícua em intervenções críticas e pertinentes sobre sua literatura. De modo algum exaustivo, temos crítica com teoria no holandês Ruud Ploegmakers, que examina a melancolia nos contos do submundo (1985), e Alfredo Bosi que escreve sobre o boêmio entre duas cidades (1986). Vania Maria Resende, em estudo sobre o menino na literatura brasileira, trata dos meninos na prosa do escritor (1988), e Julia Marchetti Polinésio estuda o plano do enunciado e o da enunciação em *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1994), entre outros.

Dois pequenos textos de jornal, em 1986, demonstram o rigor teórico esperado por João Antônio. A crítica Regina Zilberman observa que as personagens de João Antônio sofrem a condição de desenraizados sociais, insatisfeitos por não conseguirem se adaptar ao tipo de vida vigente na sociedade. Entende que “os ambulantes de João Antônio são herdeiros dos velhos heróis dos livros de aventuras, embora se deparem com uma sociedade moderna e urbanizada” (ZILBERMAN, 1986). O conto *Abraçado ao meu rancor* apresenta o percurso de um narrador marginalizado, que percebe o contraste do que foi a cidade e do que agora vê, buscando na periferia o encontro com as camadas populares distantes do centro geográfico e político. A crítica anota que as

personagens escapam ao modelo de comportamento doméstico, assumindo “uma marginalidade mais ampla”, impossibilitadas de seguir as normas sociais e assimilar regras vigentes. A marginalidade é uma forma de resistência da personagem, que não adere à vida moderna, embora esteja dentro do contexto, permanecendo à margem.

João Luiz Lafeté remonta ao universo das personagens e ao submundo da cidade com sua margem de desqualificados na obra do escritor. Os contos de *Abraçado ao meu rancor* seguem em quase tudo a proposta desenvolvida em livros anteriores. Contudo, o crítico destaca a mudança. Dos dez contos reunidos no livro, sete deles deslocam o foco do malandro cheio de picardia para “o escritor ressentido, que vê o capitalismo brasileiro reduzir as artes da malandragem à miséria descorada, esfarrapada e pedinte” (LAFETÁ, 2004, p.516). Para o crítico, João Antônio perdeu o pitoresco com que traçava suas histórias e tornou sua matéria muito mais pesada, perdendo em graça e flexibilidade. E isto se relaciona com o aumento da brutalidade da exploração capitalista no país que, na esfera ideológica, aparece por meio do inconformismo, da indignação e do rancor. Conforme o crítico, este “problema é geral, não é só de João Antônio” (LAFETÁ, 2004, p. 517).

Nessa seleção de leituras, predomina o aporte de teoria da literatura, porém com pequena abertura para textos de fora do campo dos estudos literários. E cabe lembrar a advertência de Jonathan Culler de que textos de outras áreas foram adotados “porque suas análises da linguagem, ou da mente, ou da história, ou da cultura, oferecem explicações novas e persuasivas acerca das questões textuais e culturais” (CULLER, 1999, p.13). Em seu estudo sobre literatura negra e periférica, Mário Augusto Medeiros da Silva recorda que, na literatura como protesto, mundos ficcionais estão em disputa com o mundo real, mas “anterior a eventualidades emocionais, conjunturas sociais e historicamente dadas, a técnica de recriação da realidade no mundo ficcional deve ser, antes de tudo, preponderante” (SILVA, 2011, p. 110).

Cedidos pela família de João Antônio ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, os documentos, objetos e textos de propriedade do autor constituíram o Acervo João Antônio, em 1998. De caráter multidisciplinar, atendendo pesquisadores de Literatura, História, Música e Sociologia, o Acervo leva adiante o sonho preconizado de uma crítica em profundidade. Dos diversos trabalhos produzidos a partir de pesquisa no Acervo, dois dialogam com a releitura que fazemos da marginalidade pela crítica do escritor. Luciano Felipe Rigobelo

procura mostrar a “autenticidade de João Antônio como escritor de uma literatura que vasculha o universo urbano tido por marginal, o que traz ao campo literário a poesia que tem como personagem a própria vida nas periferias” (RIGOBELLO, 2006). E Roberta Pereira Pires investiga “como o escritor é representado no atual cenário da literatura brasileira e de que modo o seu reaparecimento no mercado literário está sendo tratado pela crítica” (PIRES, 2008). É nesse estudo que a pesquisadora afirma ser “importante verificar de que modo e em quais aspectos João Antônio pode ser considerado marginal” (PIRES, 2008, p. 58).

Entre as últimas entrevistas do escritor, é possível constatar a sua posição frente à marginalidade, quando questionado sobre o lugar dos marginalizados em sua obra. João Antônio enfatiza que “ninguém gosta de ser camelô, ninguém gosta de ser contrabandista. Ninguém gosta de fazer trottoir, porque não é fácil viver neste tipo de marginalidade” (CORDOVIL, 1996, p.8). Literalmente, tenta desconstruir o mito da marginalidade.

O crítico João Alexandre Barbosa nomeia a leitura que faz de sua obra com a expressão “a prosa de uma consciência”. Referindo-se à última coletânea de textos literários, observa o desafogo com que o escritor trata da matéria literária, por meio da exploração de leituras assistemáticas de obras e autores, e a irritabilidade contra o sistema literário que sistematicamente marginaliza a contribuição literária (BARBOSA, 1996, p.10). Para Barbosa, tudo é e não é literatura em João Antônio, pois “não há hierarquia estabelecida entre os objetos que constituem a matéria literária” (BARBOSA, 1996, p.11). Na narrativa “Pingentes”, o crítico encontra uma metáfora, que trata da população marginalizada pelo progresso urbano. Barbosa acrescenta que é uma “ampla metáfora para tudo o que significa existência marginalizada por entre as contradições de uma sociedade sem resquício de racionalidade, muito menos de conforto urbano” (BARBOSA, 1996, p. 15).

Outra perspectiva marcante para a releitura da marginalidade na crítica de João Antônio se encontra em duas manifestações de Antônio Candido. Em 1982, ao falar do banho de humanidade que o escritor oferece por meio de seus contos, afirma que neles explora “quase sempre o submundo, o outro lado que pagamos para não ver, ou para ver do palanque armado pelos distanciamentos estéticos” (CANDIDO, 1982). Em 1999, na edição da revista *Remate de Males* em homenagem ao escritor, Candido retoma exemplos de como se ensinava a escrever no tempo escolar de João Antônio, o que se

solicitava ao aluno, e lembra a cena inicial do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, para chegar ao tema da coletânea de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

Ele aponta que a divisão interna do livro, as partes que reúnem contos diversos, constitui uma estratégia de João Antônio para chegar ao público leitor. Contos gerais, dois contos de caserna e quatro contos sobre o submundo. O escritor passa das histórias mais fáceis às mais complexas. Com ausência de sentimentalismo, certa neutralidade, aborda o real em contos de prosa dura, sem elegância na representação da força da vida. De acordo com Candido, trabalha com afinco a comunicação oral, de modo que não escreve como fala (ao contrário da definição a que chega a personagem de Graciliano): “Nos valos da oralidade são transmudados em estilo, inclusive graças a uma parcimônia seletiva por vezes próxima da elipse, denotando consciência das possibilidades que o implícito possui para dar ao explícito todo o seu vigor humano e artístico” (CANDIDO, 1999, p.85).

João Antônio rompe convenções estilísticas e repete palavras à vontade, emprega com eficiência o subentendido, acolhe assonâncias e produz desvios, mas cria trepidação expressiva. Com personagens decaídos e marginais, intenta iniciar o leitor na esfera dos excluídos, no seu modo de subsistir. Sua relação de escritor com a tradição estilística se dá pela uniformização da escrita, pelo efeito alcançado pela unificação do estilo pessoal à linguagem irregular, que subtrai aos marginais das noites na cidade, voz transfigurada pela atividade criadora de escritor. João Antônio “sabe esposar a intimidade, a essência daqueles que a sociedade marginaliza” (CANDIDO, 1999, p. 88). Se “é através das apreciações críticas que melhor se podem discernir os *dispositivos de recepção* e as *configurações de valor estético* em jogo numa determinada situação histórico-literária” (CEIA, 2014), retomar a leitura de João Antônio pela crítica literária nos mostra que o paralelo que se faz entre sua literatura e a literatura marginal dos anos 1970, ou a literatura marginal-periférica do Século XXI, desconsidera a importância da leitura literária em seu fazer poético. As fontes diversas de leitura, condizentes com a versatilidade de jornalista, misturadas com vigorosa memória afetiva, fornecem material para sua “máquina literária”, bem como condições para que continue viciado em palavras e obstinado quanto à linguagem das classes populares.

Referências

- ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- _____. *Leão-de-chácara: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975a.
- _____. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975b.
- _____. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. *Lambões de caçarola: trabalhadores do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1977a.
- _____. A literatura que faz questão de ser suja. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09 jul. 1977b.
- _____. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- _____. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- _____. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- BARBOSA, João Alexandre. João Antônio: a prosa de uma consciência. In: ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996. p. 9-18
- BOSI, Alfredo. Um boêmio entre duas cidades. In: ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BRUNO, Haroldo. João Antônio e sua estética da porrada. In: *Novos estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980.
- CAMINHA Jr, Edmilson. Corpo a corpo com a vida. *Suplemento Literário*, Jornal Minas Gerais, nº 949, p. 2-3, 8 dez. 1984.
- CANDIDO, Antonio. Um banho incrível de humanidade. In: ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982. Paratexto da obra (abas).
- _____. Na noite enxovalhada. *Remate de Males*, Campinas, SP, n. 19, p. 83-88, 1999.
- CEIA, Carlos (Ed.). Crítica literária. In:_____. *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2005. Disponível em: www.fcsb.unl.pt/edtl/index.htm. Acesso em: 30 dez. 2014.
- CORDOVIL, Cláudio. A arte tem dívida com a realidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1996.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. e notas de Sandra Gardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DURIGAN, J. A. João Antônio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FERREIRA, João-Francisco (Coord.). *Crítica literária em nossos dias e literatura marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1981.

FREITAS FILHO, Armando; HOLLANDA, H. B. de; GONÇALVES, M. A. *Anos 70 – Literatura*. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

GOMES, Duílio. O fenômeno João Antônio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 set. 1976. Caderno de Sábado. p. 2

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés; EDUERJ, 2012.

LAFETÁ, João Luiz. João Antônio e sua estética do rancor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 out. 1986. (Ilustrada)

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ORNELLAS, Clara Ávila. Aspectos iniciais da trajetória literária de João Antônio. *Via Litterae*, Anápolis, v.3, n.1, p. 145-159, jan./jun. 2011.

PIRES, Roberta Pereira. *Vida e literatura: estudo da fortuna crítica de João Antônio, de 1996 a 2006*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

PLOEGMAKERS, Ruud. Frescuras do coração: a melancolia nos contos do submundo de João Antônio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, nº 971, 11 maio 1985.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994. (Selo Universidade. Literatura: 19)

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988. (Debates, 207)

RIGOBELLO, Luciano Felipe. *Crítica Literária de João Antônio no Jornal da Tarde e em O Estado de S. Paulo (1994-1996)*. Relatório (Iniciação Científica). Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, São Paulo, 2006.

ROSA, Sérgio Ribeiro & PEREIRA, Cesar. João Antônio, depoimento. *Cultura Contemporânea*, Porto Alegre, nº 7, p. 58-64/118, jul. 1978.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Literatura marginal. In: ____. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVERMAN, M. A multiforme (não) ficção de João Antônio. In: _____. *Moderna ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1982.

SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica e a escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TINOCO, Robson Coelho. Poesia (excêntrica) brasileira: marcas de um neo-romantismo contemporâneo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, DF, n.30, jul/dez 2007, p. 131-147.

ZILBERMAN, Regina. João Antônio: contos, com velhos heróis. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 30 ago. 1986.